

# MEMÓRIAS ESPORTIVAS: UMA HISTÓRIA DA SUBJETIVIDADE URBANA

Dra. ELIANE RIBEIRO PARDO

Professora da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas  
E-mail: elipardo@terra.com.br

Dr. LUIZ CARLOS RIGO

Professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas  
E-mail: lcrigo@terra.com.br

## RESUMO

*Tomando como referência a memória, os estudos culturais e os estudos históricos de Michel Foucault, este artigo se propõe a analisar a emergência, a proliferação e a consolidação das práticas esportivas no corpo social da cidade de Pelotas, (RS). Partindo dos anos de 1950, procuramos analisar algumas singularidades, continuidades e rupturas presentes nas práticas esportivas da cidade, observando como elas forjaram um ethos esportivo constitutivo de modos de subjetivação urbanos que, ao serem problematizados, auxiliam a compreensão de nós mesmos, nossas inserções em determinadas configurações culturais e nossas opções éticas do presente. Neste texto, a referência empírica central será a Revista dos Esportes, periódico local editado de 1948 a 1958.*

*PALAVRAS-CHAVE: Cidade; cultura; esporte; história.*

As composições espaço-temporais que configuram a educação física ora como disciplina acadêmica, ora como uma política social de intervenção voltada para o atendimento de demandas de lazer, saúde, educação não-formal, ou ainda como prática pedagógica escolarizada, em suas condições de empiricidade quase absoluta, atestam sua complexidade em termos de uma definição identitária – saberes específicos, lugares institucionais, objeto de estudo, teorias próprias – capaz de garantir-lhe um certo consenso nos diversos campos de intervenção, em que ela se faz prática corporal institucionalizada.

Esse quadro complexo, em que os campos profissionais aparecem com seus contornos indefinidos, difusos, mutantes e fugidios, foi apresentado por Hugo Lovisolo quando o autor nomeia as diferentes tribos da educação física – “a tribo da performance, a tribo da recreação, a tribo da modelagem, a tribo da saúde” –, todas elas com filosofias próprias, ou seja, visões do humano, das práticas, do movimento, do gesto técnico, da sociedade. No campo epistêmico são significativos os estudos que buscam analisar, diagnosticar e propor sugestões sobre a complexidade de nossa área<sup>1</sup>.

A história, nesse contexto, pode ser vista como uma das disciplinas que mais tem contribuído no intuito de diagnosticar e clarear o presente à luz de explicações encontradas no passado histórico da educação física. No entanto, atestar o caráter imprescindível da história na elucidação do quadro configurado nos parece ainda muito pouco. Gostaríamos de destacar aqui o papel histórico das últimas décadas, singularizando os anos de 1980 com as marcas da denúncia de uma história compreendida como o desenrolar de acontecimentos numa temporalidade passada, presente e futura, como a grande narrativa dos fatos mercedores dos registros oficiais – grandes triunfos, grandes heróis, grandes causas, grandes nomes e grandes datas. Entram em pauta nos anos de 1980 e 1990, agora abertamente, os discursos de cunho marxista (materialismo histórico e dialético), denunciando radicalmente um passado de atrelamento da área a práticas e discursos de dominação e controle social pouco louváveis (eugenias, higienismos, esportivizações, militarismos etc.). Começam, então, a ganhar visibilidade versões da história que discursam sobre a possibilidade de uma educação física comprometida socialmente com as camadas populares.

Nesse sentido, *Educação física no Brasil*: a história que não se conta, de Castellani Filho, representa um acontecimento no solo do pensamento da educa-

---

1. Como uma produção ilustrativa desse debate epistêmico, citamos, no âmbito brasileiro, a própria *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 1, set./2000, que trata de epistemologia.

ção física brasileira, um corte na narrativa histórica tradicional em perspectiva até então. A denúncia do caráter ideológico das práticas e dos discursos da educação física, entre outras intervenções, acabou por interferir também no modo de “narrar/ensinar/pesquisar” a história.

Cabe ainda assinalar que esse movimento da crítica ao caráter ideológico da educação física esteve impulsionado por uma contingência histórica que atravessou as mais diversas áreas das ciências humanas, sendo a história um de seus carros-chefe<sup>2</sup>.

A problematização aqui proposta – memórias esportivas como linhas de subjetivação do sujeito urbano moderno no seio de um *ethos* esportivizado – se distancia radicalmente da história tradicional (cronológica, documental, metahistórica) hegemônica na educação física até os anos de 1980 e também se distingue significativamente da história marxista (denúncia ideológica). Ao tomarmos como referência a maneira pela qual Michel Foucault concebe e faz história, nosso “estudo histórico” irá pautar-se em princípios teóricos metodológicos que prezam em primeiro lugar a elaboração de uma história das problematizações, em que a verdade assume seu caráter perspectivo, a contingência determina o enredo histórico, a interlocução da história com a filosofia e a cultura torna-se condição de possibilidade da narrativa e o entendimento do presente passa a ser a grande pergunta. Com o intuito de explicitar um pouco mais nossa concepção de história, apresentaremos alguns pressupostos filosóficos/históricos foucaultianos.

#### “FOUCAULT REVOLUCIONA A HISTÓRIA” (VEYNE)

A maneira como Michel Foucault concebe o fazer histórico poderá ser vislumbrada em seus trabalhos não-discursivos sobre a história, nos meandros de estudos seus nos quais, habitualmente, faz investigações “históricas” de diferentes temas. Dentre essas obras, destacamos *Vigiar e punir: História da violência nas prisões* (1974); *História da loucura* (1961); *História da sexualidade*, volumes 1, 2 e 3, publicados respectivamente em 1977, 1982 e 1983<sup>3</sup>.

---

2. Uma síntese sobre as principais rupturas teóricas dentro do campo da história (de Aristóteles, passando por Hegel até Foucault) e as ressonâncias dessas para o interior da história da educação física pode ser encontrada no estudo de Silvino Santin, intitulado *Uma história recente da educação física pelo discurso* (2000, p. 153-160).

3. Ao comentar o recorte temporal e o estilo predominante desse autor, Salma Múchail assim o apresenta: “Foucault faz filosofia fazendo pesquisa histórica. As histórias que escreve desenvolvem-se no espaço do Ocidente, e o tempo que percorrem é quase sempre aquele que vai desde o final do Renascimento (por volta do século XVI) até a nossa modernidade (séculos XIX e XX), atravessando, com realce, a chamada idade clássica (séculos XVII e XVIII)” (Salma T. Muchail. O mesmo e o outro: faces da história da loucura, em *Foucault e a destruição das evidências*, s/d., mimeo.). Ainda

Feita essa ressalva, é possível destacar alguns princípios teóricos que orientam o uso que Foucault faz da história, os quais podem ser encontrados em textos do próprio autor:

Na Introdução de *A arqueologia do saber*, tomando como referência a maneira como as continuidades e as descontinuidades das práticas são tratadas pela história nova e pela clássica, Foucault evidencia seu distanciamento perante a segunda e a sua proximidade com a primeira, assinalando que “a descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Um dos traços mais essenciais da história nova é, sem dúvida, esse deslocamento do descontínuo. A inversão de signos graças à qual ele não é mais o negativo da leitura da história” (Foucault, 2002a, p. 10). Além disso, nesse mesmo texto, Foucault atribui uma importância singular às fontes empíricas, destacando que não se trata mais de determinar se o documento “diz a verdade nem qual é seu valor expressivo” (idem, *ibidem*). Trata-se, ao contrário, de “trabalhá-lo no interior e elaborá-lo, estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, descrever relações, definir unidades” (idem, p. 7). Vista dessa maneira inacabada, sujeita à intervenção, a história passa a ser tratada por ele como “o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.)” (idem, p. 8). Nessa perspectiva, jogando com as palavras, como é de seu feitio, Foucault dirá que a história “se volta para a arqueologia” (idem, p. 8).

No texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, Foucault apropria-se de vários conceitos de Nietzsche para pensar uma história genealógica alternativa às histórias que postulam a busca de uma origem. Essa opção foucaultiana de se distanciar das concepções de história que insistem em buscar uma origem última das coisas, de desvelar uma verdade primeira, em parte deve-se ao deslocamento que tanto ele quanto Nietzsche fazem da epistemologia moderna essencialista. Afastando-se de tal premissa e devorando Nietzsche, Foucault dirá que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência” (Foucault, 2002b, p. 18).

---

sobre a conjunção e intersecção da história com a filosofia, em outro artigo, a autora ainda comenta: “Foucault realiza um peculiar cruzamento entre a atividade do filósofo e a do historiador na medida em que, diferentemente da prática filosófica de pensar a história, pensa filosoficamente ao praticar a investigação histórica” (Murchill, 2000, p. 233-244). Essa maneira, bastante singular, de fazer história causou polêmicas entre os historiadores, mas Foucault nunca se preocupou muito em explicar-se, retratar-se, tanto que, em um de seus textos, ele declara: “Isto não é uma obra de história”. E antecipa: “este livro não será pois do agrado dos historiadores, menos ainda que os outros” (Foucault, 1992, p. 93).

Sem propor um metadiscurso para a história, Foucault opta pelo caminho mais difícil e ressalta que o saber produzido, o sentido histórico, bem como o próprio método são sempre perspectivas. O historiador “olha de um determinado ângulo, é um olhar que sabe tanto de onde olha quanto o que olha”<sup>4</sup> (Foucault, 2002, p. 30).

O artigo de Paul Veyne, “Foucault revoluciona a história” (1995), principalmente pela minúcia do diálogo que estabelece com o pensamento de Foucault, talvez seja o trabalho que melhor sistematiza a maneira pela qual Veyne concebe e faz “estudos históricos”.

Para o autor, um dos deslocamentos teórico-históricos mais interessantes do pensamento de Foucault está na narração de episódios históricos a partir das práticas e não dos objetos. “Desconhecíamos que cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde, do mesmo modo que a pereira faz pêras e a macieira maçãs” (Veyne, 1995, p. 163).

Partindo de temas como o Estado e a loucura, Veyne evidencia que o que Foucault faz, talvez de modo diferente do que estávamos acostumados a ver, é tomar como foco de suas investigações não os objetos naturais, mas as práticas em suas contingências históricas. Para Veyne, essa é a tese central de Foucault e a mais original: “o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história”. Para o autor, foi “esse passo decisivo, a negação do objeto natural” que conferiu “à obra de Foucault sua estatura filosófica” (idem, p. 170).

Usando uma conhecida metáfora, Veyne dirá que as colocações de Foucault são como um alerta sobre a parte submersa de um *iceberg* – as práticas –, enquanto a parte visível equivaleria aos objetos. No entanto, a parte escondida, que projeta os objetos, é da mesma natureza da que se vê – “ela é de gelo como esta” – e tampouco deve ser tomada como uma espécie de “motor que faz movimentar o iceberg” (idem, p. 160). Lembremos que Foucault se esforça para escapar dos essencialismos e do pensamento binário. Para ele, não há uma verdade última à espera de ser desvelada, e nem há dicotomia entre aparência e essência, oculto e explícito. O que Foucault procura fazer em suas investigações históricas é mostrar que as práticas, mesmo estando submersas, existem, projetam e objetivam os objetos. Nesse sen-

---

4. A opção ético-metodológica adotada por Foucault rendeu-lhe várias críticas, principalmente de parte de historiadores que o acusaram de falta de rigor metodológico. Durval de Albuquerque refere-se a essas acusações fazendo a seguinte consideração: “Quase sempre, quando se acusa alguém de não se ter método é porque este não se pauta pelo método de quem escreve a crítica julga possuir. O que Foucault não oferece é um esquema que tome a história de fácil explicação, não oferece um modelo universal de compreensão do passado, uma maquinaria conceitual que tudo explica e a qual tudo seria reduzido. Fazer história com Foucault requer criatividade, usar seu pensamento diferencialmente, inventar seu próprio caminho a cada pesquisa” (Albuquerque, 2000, p. 117-137).

tido, caberia ao historiador, que narra tramas e constrói enredos mais do que descobre verdades, estar sensível a elas, com o devido cuidado para não as transformar em objetos<sup>5</sup>. As práticas são singulares, são datadas, são mutantes, como diz Veyne: “nesse mundo, não se joga xadrez com figuras eternas, o rei, o louco: as figuras são o que as configurações sucessivas no tabuleiro fazem delas” (Veyne, 1995, p. 177).

Ao se perguntar sobre as possibilidades de Foucault ser ou não um historiador ou se o que ele faz pode ou não ser considerado história, Veyne destaca que esse não é o tipo de pergunta mais interessante a ser feita, e lembra que “a própria história é um desses falsos objetos naturais: ela é o que se faz dela” (idem, p. 181). Quanto às maneiras de fazer história, talvez seja pertinente voltar ao próprio Foucault, quando ele nos alerta que foi por acreditarmos que ela, a história, fosse “sólida” que a sacralizamos. Mas, lembra Foucault, os “historiadores desertaram há muito tempo dessa velha fortaleza e partiram para trabalhar em outro campo”<sup>6</sup>.

## O ETHOS ESPORTIVO RECONFIGURA AS CIDADES

No limiar do século XXI, aumenta consideravelmente o número de problematizações em torno das práticas culturais contemporâneas. No campo das ciências humanas, muito mais que metateorias universais redentoras, vimos crescer o interesse pela pesquisa de temas mundanos. Na esteira dos estudos culturais, as reflexões teóricas genéricas convivem e dialogam, cada vez mais, com pesquisas específicas voltadas para a investigação detalhada de uma ou outra prática cultural, como o carnaval, o futebol, e assim por diante.

---

5. Sobre esse processo, no qual o historiador se transforma em narrador de tramas, de enredos históricos, Margareth Rago acrescenta: “o que seria importante destacar no passado dependeria da construção da trama, da mesma forma que as causas atribuídas na origem do evento se definiriam em função da construção desta mesma trama. [...] Um evento só ganha historicidade na trama em que o historiador concatená-lo, e esta operação só poderá ser feita através de conceitos também eles históricos” (Rago, 1995, p. 73). Quanto às interferências de Foucault na historiografia brasileira, junto com o artigo anteriormente citado, ver também, Rago, 1993.

6. Além do texto de Paul Veyne, outro trabalho onde podemos encontrar uma série de elementos elucidativos, bastante pertinentes para entendermos a perspectiva histórica do pensamento foucaultiano, é a obra *Foucault*, de Gilles Deleuze. Destacamos, especialmente, o item Os estratos ou formações históricas: o visível e o enunciável (saber), onde Deleuze diz que “o que Foucault espera da História é esta determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as idéias, tomando-as possíveis” (1998, p. 58). Agregando: “mas a História só responde porque Foucault soube inventar, sintonizado com as novas concepções dos historiadores uma maneira propriamente filosófica de interrogar, maneira nova e que dá nova vida à História” (1998, p. 59). Fazendo incursões pontuais em várias obras de Foucault, Deleuze irá destacar, com bastante maestria, o modo próprio com que Foucault opera as “discursividades” e as “evidências”, a “visibilidade” e os “regimes de enunciados” próprios de cada época.

Esse cuidado maior para com as singularidades de cada manifestação cultural e para com os múltiplos gostos e costumes justifica-se, em parte, pelo nosso atual estado de ebulição cultural. Num contexto de tênues demarcações territoriais, que aponta para um estado de transição entre a cultura moderna e aquilo que alguns autores chamam de “cultura pós-moderna”, julgamos fundamental estudar nossas principais práticas esportivas, ou aquilo que Norbert Elias denomina “esporte moderno”<sup>7</sup>.

Emergentes na Europa no final do século XVIII e início do século XIX, as práticas esportivas modernas representam uma ruptura, uma nova configuração em relação às práticas corporais hegemônicas até então. Diferentes dessas últimas, elas particularizam-se principalmente pelo seu alto grau de sistematização e normatização, bem como por sofrerem um processo de regramento bem mais rígido, o que mais tarde veio a favorecer e facilitar o seu movimento no sentido da universalização.

Logo após a sua emergência no cenário europeu, essas práticas dão início a um movimento de disseminação e proliferação que atinge diversos países e continentes de variadas formas e arregimenta adeptos e simpatizantes (praticantes e assistentes) fora do continente europeu. Nesse processo, destacam-se os movimentos migratórios, nos quais o esporte ajudou a forjar uma espécie de cultura esportiva itinerante, que acompanhava os migrantes e os trabalhadores especializados que saíam temporariamente de seus países para trabalharem em outros. Aliados a esses movimentos migratórios, somam-se também os contatos culturais propiciados pelas trocas comerciais em voga entre os diferentes continentes, bem como as numerosas viagens (negócios, estudos, passeios etc.) que muitos cidadãos não-europeus faziam para aquele continente. As práticas esportivas emergem predominantemente como um costume das elites – sendo, ainda, instrumentalizadas como um critério de “distinção social”, como denunciou Pierre Bourdieu – para, em seguida, tornarem-se parte constituinte do lazer e da cultura das médias e grandes cidades do Brasil e de outros países<sup>8</sup>, deixando assim de serem identificadas como

---

7. Os estudos sócio-históricos das práticas esportivas, de Norbert Elias, caracterizam-se por suas análises, que salientam as rupturas, as descontinuidades, a não-linearidade na trajetória dessas práticas. Em virtude das novas configurações que elas assumem na era moderna, Elias destaca que os jogos olímpicos modernos não são meramente um renascimento dos jogos antigos, mas representam muito mais a aparição, a emergência de uma experiência esportiva bastante singular, típica desse momento histórico, o qual ele denomina de esporte moderno. Para maiores considerações sobre a tese levantada por ele, consultar o seu artigo “A gênese do desporto: um problema sociológico” (Em Elias & Duning, 1992).

8. A respeito desse processo de disseminação das práticas esportivas, o caso do futebol parece servir como um exemplo emblemático. No Brasil, por exemplo, os registros menos personalistas apontam que as primeiras partidas de futebol ocorreram alguns anos antes do evento promovido por

um ícone eurocêntrico para se constituírem em uma marca da sociedade moderna, forjando o que Norbert Elias nomeou de um “*ethos* esportivo”<sup>9</sup>.

Tamanha organicidade das práticas esportivas no corpo social de diferentes culturas justifica-se, em parte, pelas reconfigurações histórico-culturais que elas foram capazes de realizar durante esses dois séculos. Cada uma a seu jeito (os esportes aquáticos, as “lutas”, o turfe, o basquetebol, o futebol, o tênis, as corridas de carro e de bicicletas), elas não apenas se adaptaram, como foram recriadas em consonância com a cultura de cada lugar e com as condições e possibilidades de seus praticantes, que, na verdade, foram também seus reinventores<sup>10</sup>.

Por tudo que representaram ao longo do século XX e pela presença marcante no cenário atual, estudar as singularidades histórico-culturais do esporte moderno, suas mutações e os seus processos de miscigenação internos significa, para nós, um caminho, uma possibilidade estratégica para tematizar os modos de subjetivação do sujeito na virada de século. Assim, analisar, registrar e investigar as práticas culturais esportivas presentes no corpo social de uma determinada cidade representa uma oportunidade para pensar sobre nós mesmos: Quem somos? Como nos constituímos? Como construímos nossos gostos, nossos hábitos (esportivos ou não) e nossos vícios? Quais as afinidades que nos assemelham mais a uns e menos a outros? Como se constituíram em outros períodos e como se constituem também hoje as diferentes “tribos esportivas”<sup>11</sup>? Como lidamos com as semelhanças e também com a alteridade que nos rodeia e nos constitui?

---

Charles Miller, nas cidades portuárias – Santos (SP) Rio Grande (RS) –, envolvendo marinheiros ingleses que chegavam aos nossos portos. Sobre isso, ver ainda: Witter, 1990.

9. Para maiores curiosidades sobre o *ethos* esportivo moderno apontado por Elias, ver também o seu artigo “A gênese do desporto: um problema sociológico” (Em Elias & Dunning, 1992).
10. Se observamos com maior cuidado, veremos quão significativos são os processos de ressignificação das distintas modalidades esportivas. No Brasil, o caso do futebol praticamente dispensa maiores comentários. De início praticado majoritariamente pelas elites e pelos imigrantes e seus descendentes, ele chegou a ser acusado de importação cultural, “mais uma estrangeirice”, rotulou certa vez Graciliano Ramos. Porém, ao ser apropriado e recriado pelas camadas populares, o futebol não só alterou muitas das suas características estruturais internas, passando a ser jogado de outras formas, como se tornou um ícone, um orgulho e quase um vício dos brasileiros. Sobre a trajetória do futebol no Brasil, sua emergência, seus tensionamentos internos, sua mutabilidade e a sua maioridade, já podemos contar hoje com uma série de estudos das mais diferentes proposições. Entre esses, citamos: Caldas, 1990; Pereira, 2000.
11. O termo “tribos esportivas” é usado aqui como uma derivação do sentido atribuído por Michel Maffessoli. Para maiores considerações, consultar: Maffessoli, 1987.



## O ESPORTE EM PELOTAS

Pelotas, antes de tudo, foi núcleo das Charqueadas. Embora se estendesse também pelas margens do Jacuí, foi nas costas do São Gonsalo e do Arroio Pelotas que o Saladeirismo atingiu verdadeira importância. Ali construiu fortunas sólidas. Exigiu a entrada de um grande número de escravos. Esse fatores, somados a uma circunstância – a safra durar apenas de novembro a abril –, haverão de possibilitar, além da riqueza, o ócio dos charqueadores (Magalhães, 1999, p. 45).

A passagem acima, retirada de uma das obras de Mário Osório, historiador local, ao salientar a presença das charqueadas e do saladeirismo na disponibilidade de tempo livre para ócio e para o lazer (pelo menos para as elites locais), toca em dois tópicos estratégicos para situar o contexto histórico da emergência das práticas esportivas em Pelotas. Em primeiro lugar, a posição de destaque econômico e cultural que a cidade ocupou durante um determinado período, entre o final do século XIX e o início do século XX, dentro da configuração econômica do estado. Sobre isso, Mário Osório comenta que, no transcorrer do Império, “Pelotas e Porto Alegre praticamente se equiparavam em desenvolvimento” (Magalhães, 1993, p. 295), situação que irá se modificar mais tarde, como, por exemplo, em 1927, quando, do total das receitas arrecadadas pelos municípios gaúchos, Porto Alegre participava com 43,2 % e Pelotas, apenas com 6,5 %, mas, mesmo assim, Pelotas ocupava o segundo lugar na economia do estado<sup>12</sup>.

Além do desenvolvimento econômico e cultural, a localização geográfica estratégica das cidades foi outro fator que influenciou na proliferação do esporte em determinados pólos urbanos. Nesse aspecto, as cidades portuárias foram as que mais se destacaram. Além de serem os eixos básicos das transações comerciais, os portos eram também o ponto de partida e de chegada dos diferentes viajantes, eram uma espécie de encruzilhada cultural da época, ou algo similar ao que, mais tarde, Marc Augé chamaria de “não-lugares”<sup>13</sup>.

O porto de Pelotas era movimentadíssimo no passado. De navio era que os nossos avós se aventuravam até Buenos Aires ou até o Rio de Janeiro, de lá partindo às vezes para

---

12. Mário Osório Magalhães, 1993. Sobre o desenvolvimento econômico-cultural da cidade de Pelotas e Rio Grande no final do século XIX e início do século XX, a recente pesquisa realizada por Beatriz Loner, além de fazer uma análise bastante rigorosa sobre o assunto, é também rica em detalhes e dados empíricos (Loner, 1999).

13. Ao tematizar a cultura urbana atual, Marc Augé usa o termo “não-lugares” para se referir aos aeroportos, rodoviárias, estações de trens e metrô, lugares públicos que se caracterizam por uma grande e permanente circulação de pessoas de diferentes procedências. Para maiores considerações, consultar: Augé, 1994.

a Europa. Nesse vaivém havia sempre a aglomeração de muito povo, fosse para participar do entusiasmo e da nostalgia das recepções e despedidas, fosse para conhecer os vapores imponentes que aportavam em Pelotas (Magalhães, 1999, p. 62).

Por ser uma cidade portuária de significativa expressão econômica no estado, Pelotas insere-se no caldo cultural urbano que caracterizou nossas médias e grandes cidades no início do século XX, marcado por uma visibilidade maior do esporte. Contexto citadino caracterizado pela chegada do progresso, da velocidade, dos automóveis, das reformas urbanas – iluminação pública, ruas largas –, por uma utilização mais acentuada dos espaços públicos, por uma nova maneira de tratar o corpo e por uma gradual, porém acelerada, adesão a diferentes práticas esportivas<sup>14</sup>.

No que tange à aparição e proliferação das práticas esportivas em Pelotas, assim como ocorreu em outras cidades, o futebol teve um papel de destaque, fomentado principalmente pelos contatos que a cidade mantinha com Rio Grande, mais propriamente com o Sport Club Rio Grande (clube de futebol reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol como o mais antigo do país, fundado em 19 de julho de 1900), com Santana do Livramento e pelas relações que estabeleceu com o futebol uruguaio e argentino<sup>15</sup>.

De acordo com Eliseu de Mello Alves, o primeiro time de futebol organizado em Pelotas foi o Atlético Football Club, em 1904, que teve uma duração um tanto efêmera (Alves, 1994). Logo depois, em 1906, vários outros clubes foram fundados, dentre os quais o Club Sportivo Internacional, o Club Esportivo e o Foot-ball Club. Com atuação acentuada na cultura esportiva da cidade, em 1908, esses três clubes fundiram-se, dando origem ao Sport Club Pelotas, que hoje, junto com o Grêmio Esportivo Brasil são os dois maiores da cidade<sup>16</sup>.

---

14. Uma análise a respeito das mudanças culturais que incidiram sobre nossas principais cidades nas primeiras décadas do século XX, alterando os hábitos e os costumes culturais, criando um novo cotidiano urbano mais veloz e mais esportivo, pode ser encontrada em: Nicolau Sevckenko. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

15. Fundado em 19 de julho de 1900, o Sport Club Rio Grande é reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como o clube mais antigo do país, o que lhe rendeu o carinhoso apelido de vovô. Nos primeiros anos de sua existência, esse clube realizou inúmeras viagens para outras cidades a fim de participar de eventos festivos com jogos demonstrativos de futebol. Com isso ele ajudou a promover a propagação do futebol em Pelotas e em outras cidades estratégicas do estado, como Bagé e Porto Alegre, onde esteve em 1903, por ocasião da fundação do Grêmio Futebol Portoaletreense, quando, então, foi homenageado, sendo escolhido paraninfo deste clube. Para maiores detalhes sobre a história desse clube, ver: Ramos, 2000.

16. Maiores detalhes sobre a emergência dos clubes esportivos em Pelotas (RS), no início do século XX, bem como sobre a trajetória do futebol na cidade, consultar: Rigo, 2001.

Mesmo reconhecendo a rápida adesão ao futebol, não podemos desconsiderar a presença e o papel desempenhado por outras modalidades esportivas. A maioria dos clubes de Pelotas, nas duas primeiras décadas do século XX, não eram *locus* exclusivos do futebol. Mais que clubes esportivos no sentido que os entendemos hoje, eles eram pontos de encontro, espaços de associativismo, onde vários tipos de práticas culturais tinham lugar. Nessa época o futebol aparecia como mais uma entre diversas outras novidades esportivas que disputavam a preferência do público.

Ao consultar os exemplares do jornal *Diário Popular*, dos anos de 1906, 1907 e 1908, e documentos esportivos desses mesmos anos, arquivados na biblioteca pública da cidade, percebe-se, que além do futebol, existe um certo destaque para o turfe, corridas de carros, ciclismo, boxe, regatas, demais derivações dos esportes aquáticos, tênis, entre outras modalidades. Contexto cultural, em alguns aspectos, bastante similar ao de outras cidades que, na época, eram consideradas referências econômicas e culturais do país.

Determinados estudos sobre as práticas esportivas no Brasil do início do século mostram que algumas modalidades esportivas, como foi o caso do turfe, da equitação e do ciclismo, eram comuns na maioria das cidades, enquanto outras modalidades tinham incidência mais localizada, desenvolvendo-se em consonância com as peculiaridades culturais e/ou geográficas de cada lugar<sup>17</sup>.

#### MEMÓRIAS DA CIDADE “ILUMINADA”

Os anos de 1940 e 1950 revelam uma Pelotas bastante diferente daquela da primeira década do século XX, época em que emergiram os clubes e as competições esportivas. Com uma economia mais diversificada, não mais restrita à produção do charque, seguindo seu próprio ritmo, Pelotas também irá alinhar-se ao movimento de modernização em curso praticamente em todas as médias e grandes cidades do país, principalmente a partir dos anos de 1920. Na cidade “limpa”, higienizada e reconfigurada arquitetonicamente – ruas alargadas, proliferação dos espaços públicos –, os hábitos rueros ganham um novo *status*, favorecendo a consolidação do *ethos* esportivo no corpo social da cidade. Enfim, podemos dizer que

---

17. Gilmar Mascarenhas de Jesus, em seu artigo “Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro”, analisa o caso dessa cidade e destaca que lá, em virtude de alguns fatores histórico-geográficos singulares, durante certo período (até por volta de 1910), o remo foi mais popular do que o futebol, em *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999, p. 17-41. Outro trabalho que traz uma significativa e singular contribuição sobre o esporte no Rio de Janeiro é: Lucena, 2001.



A praça pública, as ruas arborizadas e a cidade iluminada sinalizam uma Pelotas dos anos de 1920 e 1930 modernizando-se, reconfigurando seu espaço urbano.

(Fonte: Biblioteca Pública, revista *Almanaque de Pelotas*, 1929, p. 125).

a partir dos anos de 1920, e principalmente nos anos de 1940 e 1950, Pelotas irá consolidar-se como uma cidade “iluminada,” moderna e esportivizada.

A importância do esporte na vida pelotense dessa época pode ser constatada, por exemplo, pela existência da *Revista dos Esportes*, periódico esportivo com uma tiragem mensal em torno de 3 mil exemplares, que circulou na região durante uma década – de 1948 a 1958. Encontramos, em seus exemplares, elogios que falam da sua importância cultural para a cidade, destacando o seu papel estratégico na promoção das práticas esportivas locais. Já sobre os discursos veiculados e as intenções neles subjacentes, destacamos o fato de, nos exemplares dos anos de 1950, sobressair-se uma valorização dos discursos científicos da área, recebendo relevância as matérias escritas por profissionais diretamente ligados à educação física. Quanto às modalidades esportivas, há uma visível predominância do futebol, com destaque para os quatro “maiores” clubes da cidade existentes naquele momento: G. E. Brasil, E. C. Pelotas, G. A. Farrroupilha, C. A. Bancário. Esporadicamente a revista trazia também matérias sobre aquilo que ela convencionou chamar de “futebol menor” da cidade. Assim, percorrendo todos os exemplares que possuímos, foi possível juntar uma quantidade considerável de fotografias e reportagens referentes a pequenos clubes e a times avulsos de futebol, formados a partir de diversos critérios referenciais – o que mostra como o futebol já estava disseminado pelo corpo social da cidade e era a modalidade esportiva mais pratica-

da e assistida, envolvendo sujeitos oriundos de diferentes classes sociais e de diversas descendências étnicas.

Além do futebol, o turfe é outra modalidade que recebe destaque da revista, e o hipódromo da cidade aparece então, em suas páginas, como um reduto de sociabilidade e de diversão para um público um tanto aristocrático que, paulatinamente, foi afastando-se do futebol.

Os esportes aquáticos, representados principalmente pelas práticas do remo e da natação, compunham uma terceira “modalidade” que recebe atenção da revista. Preferido por um público que está mais próximo dos adeptos do turfe do que dos adeptos do futebol, as reportagens sobre esses esportes vinham acompanhadas com as fotografias dos principais atletas da cidade.

Apesar do futebol, do turfe e dos esportes aquáticos serem as práticas esportivas que mais se destacam dentro da *Revista dos Esportes*, outras modalidades, como o voleibol, o basquetebol, o boxe, o futsal e a luta livre também já apareciam. Sobre essa predominância, há, nos exemplares dos dois primeiros anos, um comentário feito pelos próprios editores da revista em que ressaltam que ainda existe um certo desinteresse da parte de seu público leitor para com as modalidades esportivas que não possuem uma maior tradição na cidade.

Em relação a uma maior aparição das mulheres no mundo esportivo, esta pode ser compreendida como o resultado de disputas de poder, sutis ou não, que produziram fissuras num reduto até então predominantemente masculino.

Analisando a *Revista dos Esportes*, identificamos que, ao longo dos 10 anos em que esteve em circulação, foi possível identificar pelo menos um deslocamento significativo quanto ao lugar ocupado pela mulher nas reportagens. Nos primeiros anos de circulação, raramente a mulher encontra-se na posição de praticante do esporte, de atleta; ela aparece, predominantemente, associada às propagandas femininas de eletrodomésticos, vestimentas, produtos de beleza ou, quando muito, como assistente. Ou ainda, no máximo, como madrinha de times de basquetebol e do futebol menor da cidade. Nesses papéis são ressaltadas, como virtudes “esportivas” femininas, a juventude, o veio materno, a beleza física, a simpatia – qualidades pouco ou quase nada atléticas.

Por volta de 1950, época de mudanças nos discursos normalizadores dos papéis femininos na sociedade brasileira, vemos a mulher ocupar outro lugar também nas práticas esportivas. Não leva muito tempo até que ela passe a tomar parte em diversas modalidades esportivas, agora não apenas como assistente, mas também como praticante, instituindo assim uma transformação em diferentes “esportes” e provocando uma reconfiguração do *ethos* esportivo. Nas revistas, encontramos vestígios empíricos dessa atuação feminina em modalidades como o tênis, a

natação, o remo, o basquetebol, o voleibol, a luta livre e o futebol, o que mostra como a vida esportiva em Pelotas estava sintonizada com a realidade das grandes cidades do país, e, em algumas modalidades, há, inclusive, sinais de um certo vanguardismo, como é o caso do futebol feminino<sup>18</sup>.

Os sutis deslocamentos de gênero no campo das práticas esportivas modernas ilustram possíveis problematizações de temas do tempo presente que emergem do cruzamento de fronteiras disciplinares como as da história com a filosofia e com a cultura e que exigem, de quem olha, novos instrumentos de análise tendo em vista a mudança de foco. Imbuídos dessa postura epistêmica, que antes de tudo diz como pensamos e fazemos história, gostaríamos de concluir este artigo assinando algumas peculiaridades com respeito à sua natureza. Trata-se, aqui, de um primeiro artigo que abre e apresenta um panorama da pesquisa “Memórias esportivas da cidade de Pelotas nos anos 40 e 50”. Para dar continuidade à pesquisa o tema foi recortado em três direções. Uma primeira diz respeito à historiografia dos dois principais clubes náuticos da cidade (Regatas Pelotense e Náutico Gaúcho); uma segunda está centrada no estudo das práticas do “futebol menor” em Pelotas nos anos de 1940 e 1950 e uma terceira está aprofundando questões do gênero no esporte, tomando como referência as memórias de antigas nadadoras da cidade. Além de preservarem um elo comum – as memórias do esporte e suas forças constitutivas de um modo de ser urbano, moderno, saudável e educável – à nossa investigação, essas três direções confluem em determinado momento no sentido de proporcionarem visibilidade a singularidades pontuais do esporte moderno, bem como de atentarem para a necessidade de um cuidado maior com as memórias esportivas da cidade.

### Sportive memories: a history about the urban subjectivity

*ABSTRACT: Considering the memory, the cultural and historical studies by Michel Foucault, this article aims to analyze the emergency, the spread and the consolidation of the sportive practice in the social body of the city of Pelotas, RS. Our research has analyzed – from the 50's on – some singularities, continuities and breaks present in the sportive practices of the*

(continua)

18. Um registro que faz alusão ao futebol feminino na cidade encontra-se na *Revista dos Esportes* (1950, n. 10, p. 12). Essa matéria traz uma fotografia que mostra um grupo de jogadoras da Vila Hilda recebendo uma flâmula das mãos do jornalista Osmar Flores, presidente da Associação dos Cronistas Esportivos de Pelotas. O episódio deu-se por ocasião da partida disputada no dia 8 de julho de 1950, no estádio do G. E. Brasil, envolvendo Vila Hilda e o Corinthians (dois times femininos da cidade).

(continuação)

*citizens, observing how they have forged the constitutive sportive ethos of urban subjective way which, when problematized, help the understanding of ourselves, our insertions in some cultural configurations and our currently ethic options. Specifically in this text the empirical central reference will be the Revista dos Esportes (Sport Magazine), – local periodical edited between 1948 and 1958.*

*KEY-WORDS: City; culture; sport; history.*

## Memorias deportivas: una historia de la subjetividad urbana

*RESUMEN: Tomando como referencia la memoria, los estudios culturales y los estudios históricos de Michel Foucault, este artículo se propone a analizar la emergencia, la proliferación y la consolidación de las prácticas deportivas en el medio social de la ciudad de Pelotas - RS. Partindo de los años 50, buscamos analizar algunas singularidades, continuidades y rupturas presentes en las prácticas deportivas de la ciudad, observando como ellas forjaron un ethos deportivo constitutivo de modelos de subjetivación urbanos que, cuando son problematizados, auxilian en la comprensión del sujeto moderno, nuestras introducciones en determinadas configuraciones culturales y nuestras opciones éticas del presente. Específicamente en este texto la referencia empírica central será la Revista dos Esportes (Revista de los Deportes), – periódico local editado entre los años de 1948 y 1958.*

*PALABRAS CLAVES: Ciudad; cultura; deporte; historia.*

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (Orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 117-137.

ALVES, E. de M. *O futebol em Pelotas (1901-1941)*. Pelotas: Livraria Mundial, 1994. 211 p.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. 112p.

BIBLIOTECA PÚBLICA. Melhoramentos Municipaes. Revista *Almanaque de Pelotas*, Pelotas, n. 6, p. 125, 1929. 1 fot. p&b.

BOURDIEU, P. Deporte y clase social. In: BROHM, J.-M. et al. *Materiales de sociología del deporte*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, s/d., p. 57-74.

CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1984-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990. 262p.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988. 225p.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: artes do fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 142p.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial Ltda, 1992. 421p.

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1997. 239p.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infâmes. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992, p. 89-128.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002a. 239p.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002b. p. 15-37.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002c. 262p.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 104p.

JESUS, G. M. de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 17-41, 1999.

LONER, B. A. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888 – 1937*. 1999. 699 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOVISOLO, H. *Atividade física, educação e saúde*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000. 112p.

LUCENA, R. de F. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001. 153p.

MAFFESELLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 244p.

MAGALHÃES, M. O. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPel/Livraria Mundial, 1993. 248p.

\_\_\_\_\_. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 3. ed. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1999. 75p.

MUCHAIL, S. T. *O mesmo e o outro: faces da história da loucura*. s/d. (mimeo.).



\_\_\_\_\_. A leitura dos filósofos. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (Orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 233-244.

PEREIRA, L. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 374p.

RAGO, M. As marcas da pantera: Foucault para historiadores, Brasil. *Resgate*, Campinas, n. 5, p. 22-32, 1993.

\_\_\_\_\_. O efeito Foucault na historiografia brasileira, Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-81, out. 1995.

RAMOS, M. G. *Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. 234p.

RIGO, L. C. *Memórias de um futebol de fronteira*. 2001. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SANTIN, S. Uma história recente da educação física pelo discurso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., 2000, Gramado. Memórias e descobrimentos: 500 anos de história da educação física, esporte, lazer e dança no Brasil. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 153-160.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Epistemologia e educação física, Campinas, Editora Autores Associados, v. 22, n. 1, set. 2000.

REVISTA DOS ESPORTES, Pelotas, Tipografia Arauto, n. 1-110, 1948-1958.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 390p.

VEYNE, P. Foucault revoluciona a história. In: VEYNE, P. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 149-198.

WITTER, J. *O que é futebol*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 80p.

Recebido: 31 mar. 2003

Aprovado: 30 abr. 2003

Endereço para correspondência  
Eliane Ribeiro Pardo  
Rua Dr. Barros Cassal, 607, apto. 81  
Porto Alegre – RS  
CEP 90035-030